

**Dossiê**  
**artigos livres**



**Quadrinhos,  
masculinidades e livros  
didáticos: quem são os  
heróis na História?**

*Mariana Mello Brandão*



# Quadrinhos, masculinidades e livros didáticos: quem são os heróis na História?

Comics, masculinities and textbooks: who are the heroes in history?

Mariana Mello Brandão<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo procura estabelecer um diálogo entre os processos de subjetivação das masculinidades e o ensino escolar por meio da utilização de histórias em quadrinhos, analisando as referências a HQs presentes nas duas coleções de livros didáticos de História mais distribuídos pelo PNLD 2020. A análise desse material é feita a partir da teoria filosófica de Deleuze e Guattari e as ideias dos pensamentos nômades e rizomáticos, na medida em que observa linhas de fuga possíveis às segmentaridades impostas pelos dualismos homem/mulher, adulto/criança, comumente presentes nas relações de gênero e na educação. Esse exercício sugere possibilidades e abordagens de ensino que estimulam o surgimento de múltiplas consciências históricas.

**Palavras-chave:** Quadrinhos; Masculinidades; Livro-didático; História

**Abstract:** This article aims to establish a dialogue between the processes of subjectivation of masculinities in school education through the use of comic books, in order to interpret the references to comics present in the two collections of History textbooks most distributed by the Brazilian national textbook plan of 2020. The analysis of this material is made from the philosophical theory of Deleuze and Guattari and the idea of rhizomatic thinking, as it observes the possible lines of flight to the segmentarities imposed by the dualism man/woman, adult/child present in gender relations and in education, suggesting new possibilities and teaching approaches for the emergence of multiple historical consciousnesses.

**Keywords:** Comics; Masculinities; Textbook; History

---

<sup>1</sup> Graduada em História pela Universidade de Brasília, Brasília, DF. Mestranda no Programa de Pós Graduação em História da Universidade de Brasília. [marianamello@gmail.com](mailto:marianamello@gmail.com) / <https://orcid.org/0000-0003-3161-2010>



## Mixando aprendizagens

Como se relacionam os livros didáticos de História e as histórias em quadrinhos? Quais conexões podem ser estabelecidas entre esses campos e os estudos de masculinidades? Os exercícios de mixagem de pesquisas em campos aparentemente distintos nos mostram como as representações podem se complementar e como essa pluralidade de encontros pode desencadear disposições ou indisposições surpreendentes do ponto de vista do aprendizado (ORLANDI, 2018, p.315).

Os livros didáticos de História são o principal material pedagógico utilizado pelas escolas brasileiras e têm sido analisados academicamente de maneira significativa e bastante diversa nos últimos anos (BITTENCOURT, 2011). Analisar as imagens que estão presentes nas duas coleções com maior distribuição pelo PNL D 2020 pode nos permitir perceber como são apresentadas as masculinidades e como elas podem se relacionar com a construção das subjetividades dos estudantes no ensino fundamental. A opção pelo uso das imagens para análise na investigação se relaciona com a percepção imediata que elas causam e, ao mesmo tempo, com as possibilidades de interpretação que permitem.

No trabalho inicial de catalogação dessas imagens dos livros didáticos, chamaram atenção algumas referências às histórias em quadrinhos, apresentadas logo em seguida. Propomos trazer nesse artigo, de maneira entusiasta à sua utilização no ensino da História, algumas reflexões sobre os agenciamentos de masculinidades percebidos no entrecruzamento desses dois objetos – os livros didáticos e as HQs.

Pesquisa realizada por Marcelo Fronza, vinculada ao GPEDUH – Grupo Pesquisador Educação Histórica da UFMT, sugere que os livros didáticos são um caminho para as narrativas históricas gráficas entrarem na cultura escolar (FRONZA, 2016, P. 47) e desse modo atuarem na subjetivação de seus leitores. Ainda de acordo com ele, as HQs possuem um



fio condutor de sentido aprofundado por suas funções narrativas visuais. Nessa perspectiva, os quadrinhos que abordam temas históricos podem ser considerados como narrativas históricas gráficas esteticamente estruturadas, detentoras de um papel relevante na construção de modelos interpretativos e na formação de uma cognição histórica.

De acordo com Will Eisner, “a leitura da história em quadrinhos é um ato de percepção estética e de esforço intelectual” em que “as regências da arte (perspectiva, simetria, pincelada) e as regências da literatura (gramática, enredo, sintaxe) superpõem-se mutuamente” (EISNER, 1989, p. 8). Isso poderia se limitar a colocar uma ação ou pensamento depois do outro, como em uma narrativa tradicional. Entretanto, essa lógica é constantemente subvertida, e “a justaposição de quadros pode ser capaz de associar imagens e momentos aparentemente desconexos, ocasionando a implosão de plurissignificações e simbolismos que a mera causalidade desconhece” (MARCONDES, 2012).

Passamos assim a observar as imagens dos quadrinhos nos livros didáticos, partir de um modelo epistemológico nômade, o qual “se distingue de um pensamento sedentário, congelado e inalterável, na medida em que está continuamente em devir e se impõe como ato de resistência face aos modos de pensamento dominante, pensamento régio ou burocrático” (LINS, 2017, p. 274). Essa forma de leitura é também rizomática, ou seja, acreditamos que na construção das nossas subjetividades, somos segmentarizados de forma muito diversa e trazemos em nós molecularidades, afetos inconscientes, linhas finas que se movimentam e colocam em xeque a binaridade que nos classifica em termos de gênero, raça, classe, entre outras proposições (DELEUZE, GUATTARI; 1995).

Nesse sentido, os quadrinhos se tornam expressão de um entretencimento de probabilidades (MARCONDES, 2011), no qual “o aprendizado do pensar está imerso, portanto, numa caótica de encontros” (ORLANDI, 2018, p.316). Nas HQs a afirmação, segundo a qual, “a imagem



é uma figura que não se define por representar universalmente, e sim por suas singularidades internas, pelos pontos singulares que junta" (DELEUZE, 1992, pág. 84), pode ser manifestamente percebida. Nos interessa, por ora, observar as histórias em quadrinhos apresentadas nos livros didáticos de História, e o que elas nos informam sobre agenciamentos de gênero e, a partir de então pensar possibilidades para que apresentem também linhas de fuga ao pensamento dicotômico predominante no tratamento dado aos corpos femininos e masculinos.

### Os heróis da História

O material utilizado para a pesquisa consiste nas duas coleções de livros didáticos mais distribuídas no país e destinados aos anos finais do ensino fundamental – 6º, 7º, 8º e 9º anos – selecionadas pelo PNLD 2020. *História, Sociedade e Cidadania* (BOULOS JUNIOR, 2018) e *Historiar* (COTRIM; RODRIGUES, 2018), somam juntas impressionantes 4.368.336 exemplares vendidos para o governo federal, distribuídos para todo território nacional<sup>2</sup>.

Ao contrário dos exorbitantes números observados em relação à venda e distribuição desse material, as referências às HQs encontradas são bastante limitadas. Na coleção *Historiar* (COTRIM; RODRIGUES, 2018), apesar da presença de muitas charges e algumas ilustrações de época, como tirinhas, não encontramos nenhuma referência específica ao universo das HQ's. Já na coleção *História, Sociedade e Cidadania* (BOULOS JUNIOR, 2018) podemos observar, no livro do 6º ano, um número considerável de referências aos quadrinhos infantis: apresentando temas diversos, temos Maurício de Souza, desde o capítulo que se refere aos primeiros povoadores da terra, com

---

<sup>2</sup> Dados disponíveis na página <https://www.fnnde.gov.br/index.php/programas/programas-do-livro/pnld/dados-estatisticos>, em 05/04/2022

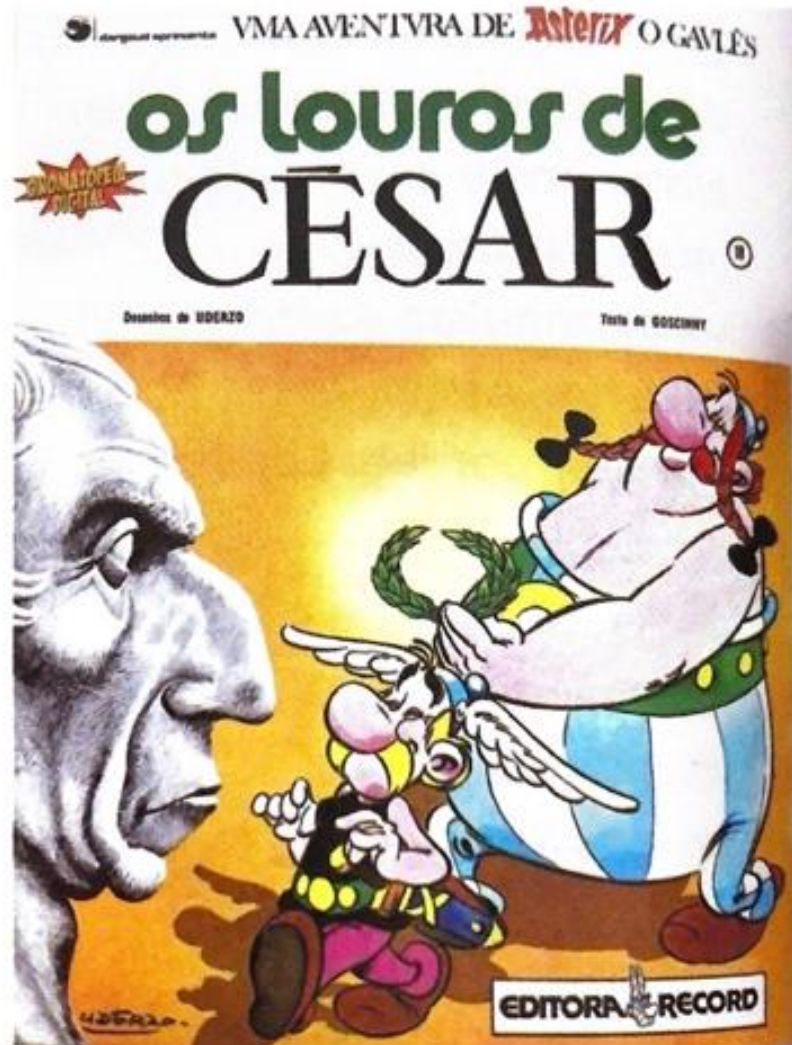


Piteco e Horácio, até o capítulo que trabalha a luta por Direitos Humanos em diferentes tempos e situações históricos. Nos livros correspondentes ao 7º, 8º e 9º anos essa a frequência de aparição desses quadrinhos não se repete.

Ainda nesse livro do sexto ano sexto volume da coleção, há também duas menções importantes às HQs de Asterix, de René Goscinny e Albert Uderzo. A primeira delas no capítulo sobre monarquia, república e império romanos, mostrando a capa de uma edição intitulada “Os Louros de César”, com as imagens de Asterix e Obelix em frente a um busto de César, como podemos observar na imagem abaixo na imagem 1. Ao lado, no livro didático, a legenda enfatiza que, apesar de retratar em suas narrativas diversos momentos históricos, a obra "não tem nenhum compromisso com a pesquisa histórica" (BOULOS JUNIOR, 2018, p.204). Entretanto, nas atividades relacionadas a esse mesmo capítulo, o autor retorna a Asterix para auxiliar os estudantes na compreensão do contexto histórico, por meio de um exercício de interpretação da imagem 2 (BOULOS JUNIOR, 2018, p.210) que vemos a seguir. Esse trecho reforça a ideia, com a qual compactuamos, de que as HQs têm um papel precioso no processo de aprendizado.

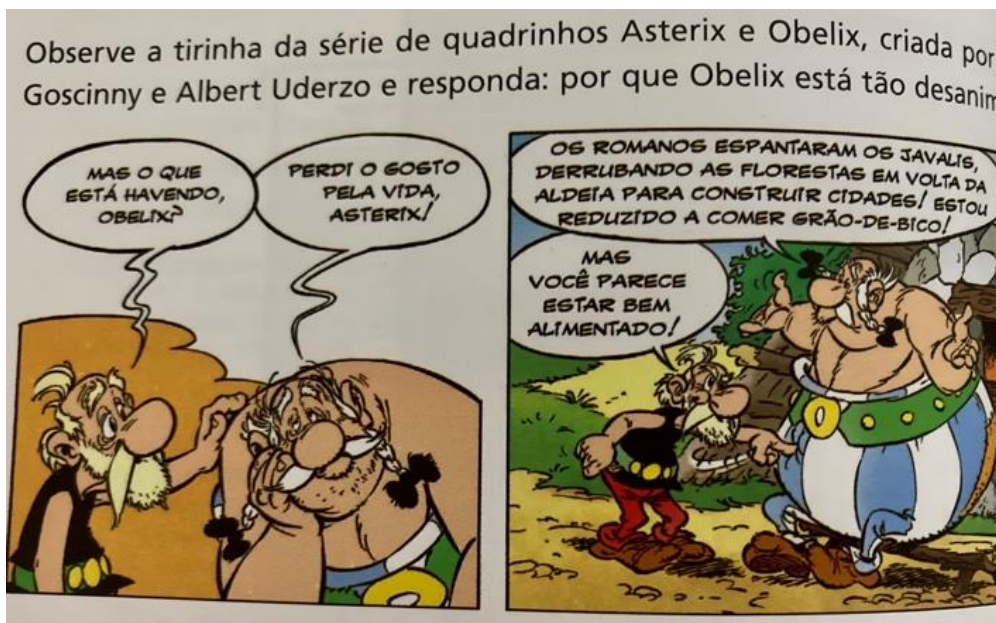


## IMAGEM 1 – ASTERIX E OBELIX



**Fonte:** Capa da HQ do gibi Os louros de César, 1985, retirada do livro História, Sociedade e Cidadania, 6º ano, p.204.

## IMAGEM 2 – ASTERIX E OBELIX, EXERCÍCIO



**Fonte:** Exercício relacionado ao capítulo 9 do livro *História, Sociedade e Cidadania*, 6º ano, p.210.

Ainda que os personagens dessa HQ mencionados acima, retratados nos livros didáticos, representem marcadores de gênero, raça e poder, visto que Asterix, Obelix e César são homens brancos e guerreadores, não é nessas referências que nos deteremos para falar sobre masculinidades. Essa escolha foi feita com base na força das outras duas representações encontradas: Thor e Capitão América, nos livros do 6º e 9º anos, respectivamente, da coleção *História, Sociedade e Cidadania* (BOULOS JUNIOR, 2018).

No primeiro volume dessa coleção é apresentada uma imagem do filme *Thor: o mundo sombrio*, de Alan Taylor, medindo pouco mais de 1/4 de página, em que o herói é visto voando, com uma capa vermelha e seu martelo em riste, em meio a raios e destroços. A fotografia está no capítulo 11, intitulado *Povos e culturas nas terras banhadas pelo mediterrâneo*, mais especificamente na seção que aborda direito e mitologia dos germanos. A legenda ao lado da imagem no livro didático diz:





"Em 1963, Stan Lee e Jack Kirby, da empresa estadunidense Marvel Comics, transformaram o deus germânico Thor em um super-herói de histórias em quadrinhos. Nas décadas seguintes, ele foi repaginado e atuou também em seriados para TV e filmes. Ao lado, cena de um filme de 2013, intitulado Thor: o mundo sombrio, estrelando Chris Hemsworth". (BOULOS JUNIOR, 2018, p.250)

### IMAGEM 3 - THOR



**Fonte:** Imagem do livro História, Sociedade e Cidadania, 6º ano, p.251.

De forma geral, o capítulo conta apenas com imagens masculinas, com exceção de duas imagens: um medalhão com a representação de Estilício, apresentado pela legenda como um mestre de soldados, romano de origem bárbara, junto à sua esposa Serena, sobre a qual não observamos mais



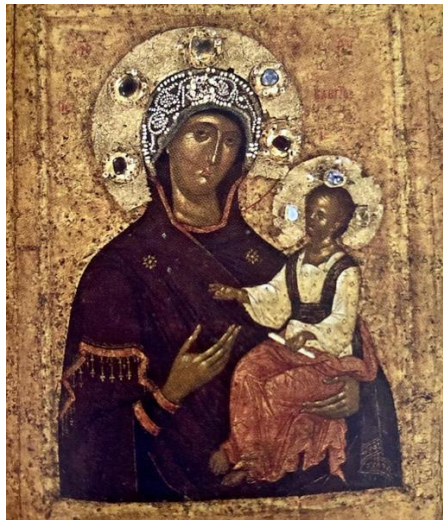
informações (BOULOS JUNIOR, 2018, p. 241) e um ícone bizantino com imagem da Virgem Maria e o menino Jesus (BOULOS JUNIOR, 2018, p. 255), como vemos abaixo:

#### IMAGEM 4 – ESTILICÃO E SERENA



Fonte: Imagem do livro História, Sociedade e Cidadania, 6º ano, p.241.

#### IMAGEM 5 – VIRGEM MARIA



Fonte: Imagem do livro História, Sociedade e Cidadania, 6º ano, p.255.

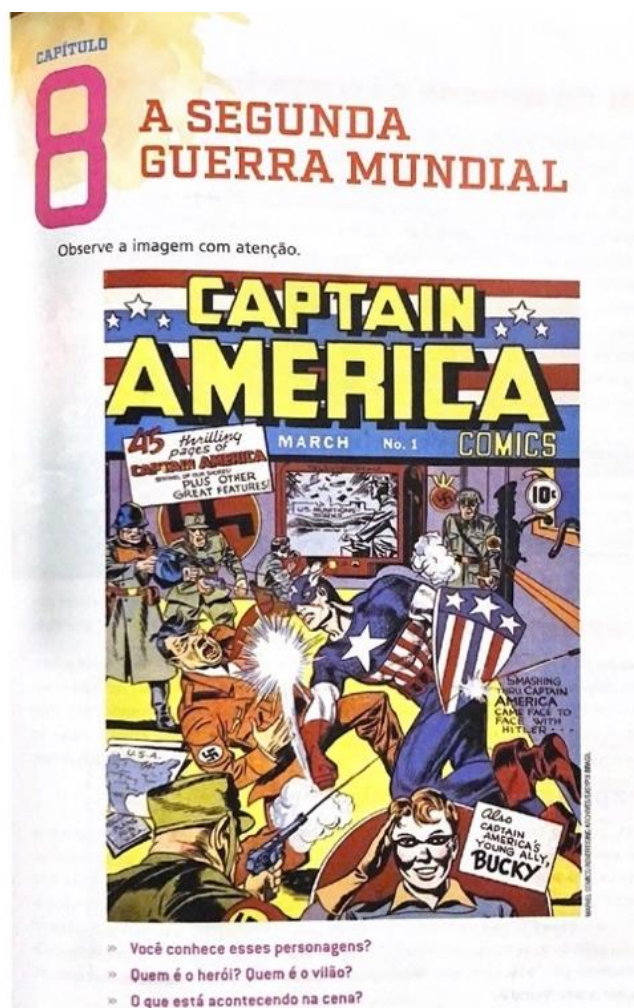


As representações femininas, nesse caso, são associadas à função de casamento e maternidade, enquanto as demais imagens apresentam homens em funções diversas, como soldados armados, líderes religiosos, incluindo um Cristo branco, com legenda problematizando essa representação racial, e um médico. Esse capítulo, de acordo com as orientações da editora, atende à habilidade EF06HI14 da Base Nacional Comum Curricular, ou seja, "Identificar e analisar diferentes formas de contato, adaptação ou exclusão entre populações em diferentes tempos e espaços".

A próxima referência aos quadrinhos está no livro do 9º ano da mesma coleção, na abertura do capítulo *A segunda guerra mundial* (BOULOS, 2018, p.155). Trata-se da capa do primeiro volume da HQ do Capitão América, criada por Joe Simon e Jack Kirby, lançada em março de 1941, nos Estados Unidos. De acordo com o pesquisador Rodrigo Pedroso, o herói, também da Marvel, vestido com a bandeira dos EUA, foi criado para atender demandas políticas e ideológicas voltadas para o combate aos países do Eixo, ou seja, Alemanha, Itália e Japão, no período da Segunda Guerra Mundial (PEDROSO, 2014, p.1).



## IMAGEM 6 – CAPITÃO AMÉRICA



o

Na imagem podemos ver oito personagens masculinos, sendo o Capitão América a figura central, desferindo um soco em Hitler, visto caindo ao chão com o impacto. Aparecem também mais cinco homens em trajes militares nazistas, armados, tentando alvejar o herói principal, que se defende com seu escudo indestrutível. No canto direito da imagem aparece ainda Bucky, o jovem aliado de Capitão América. A instrução contida no livro do professor sugere que a imagem seja utilizada para “levantar questões como propaganda e guerra, história em quadrinhos e História” (BOULOS JUNIOR,



2018, p. 155). Em relação à BNCC, esse capítulo foi elaborado visando atender à habilidade EF09HI13 – “descrever e contextualizar os processos de emergência do fascismo e do nazismo, a consolidação dos estados totalitários e as práticas de extermínio, como o holocausto”.

No contexto geral do livro didático, essa imagem do Capitão América, assim como a de Thor, se encontra em um capítulo no qual a maioria das imagens apresenta apenas homens, com exceção de uma estátua chamada Mãe Pátria e de duas fotos que apresentam uma família judia no gueto de Varsóvia e soldados se despedindo da família a caminho da Guerra. Novamente as mulheres são representadas em funções maternas, familiares e os homens em ações bélicas. Curiosamente é também nesse capítulo onde vemos a maior concentração de charges por número de páginas, se considerarmos as duas coleções analisadas. Isso pode nos informar sobre a importância dos materiais visuais nas narrativas de guerra.

Podemos encontrar nas duas referências aos heróis dos quadrinhos descritas acima alguns pontos de semelhança muito marcantes, mesmo tendo os personagens trajetórias muito distintas. Thor é um deus da mitologia nórdica, filho de Odin, que, na narrativa da Marvel, recebeu uma punição paterna e a partir disso passou a viver uma vida terrena, na pele do médico norte americano Donald Blake, que tem, além das fragilidades inerentes à humanidade, um problema de locomoção que o torna manco. Quando performa como herói, ele possui uma série de poderes supra humanos, como super resistência, super velocidade, longevidade, capacidade de controlar o ar, a energia e o clima, entre outros. Sua arma é o martelo mágico Mjolnir, e um de seus maiores inimigos é seu próprio irmão, Loki, deus da trapaça e da travessura.

O Capitão América não tem nenhuma ascendência divina. Ao contrário, é órfão de pais imigrantes irlandeses pobres, mortos em sua adolescência. Seu grande desejo é lutar pelos Estados Unidos contra os inimigos do eixo, durante a Segunda Guerra Mundial, entretanto sua saúde



frágil não o permite. É quando ele decide fazer parte de um experimento científico que o transforma em uma espécie de supersoldado, depois de tomar um soro criado pelo Dr. Joseph Reinstein. Sua arma principal é um escudo indestrutível e ele possui também resistência, agilidade e velocidade sobre-humanas. Além disso sua indumentária é uma representação da bandeira norte americana.

### Subjetividades, masculinidades, agenciamentos e linhas de fuga

Vamos dar viva aos grandes heróis  
Vamos em frente, bravos cowboys  
Avante, avante, super-heróis  
Ai-oh, Silver  
Shazam!

(SEIXAS, Raul; COELHO, Paulo, 1974)

Apesar do arco dramático tão distinto, os dois personagens possuem traços comuns ao universo masculino dos super-heróis criados na primeira metade do século XX: o corpo jovem, forte, musculoso e viril, peça central no combate aos vilões. Os heróis retratados nas imagens dos livros didáticos, “apesar de atravessarem gerações, são sempre apresentados no auge de sua forma física, alheios às doenças, ao envelhecimento e à morte” (MEDEIROS; MEDEIROS, 2018, p.102). O conjunto de atributos físicos é associado, dessa forma, aos valores de uma masculinidade hegemônica que não correspondem à vida de nenhum homem real, mas ainda assim expressa ideais, fantasias e desejos muito difundidos (CONNEL, 2013, p.253).

Podemos perceber, nas imagens desses heróis, uma interpretação equivocada na qual as masculinidades seriam inerentes ao corpo masculino<sup>3</sup>, dissociadas, portanto, das práticas sociais, dos simbolismos e ordens institucionais das sociedades (CONNEL, 2013). Os clichês, fórmulas e

---

<sup>3</sup> “quem ousaria duvidar que um personagem como Superman não reforça, em seu nome e no seu corpo, um poderio do corpo masculino”? (GOMES, 2020, p.8)



estereótipos significadores de masculinidades foram ostensivamente utilizados por algumas editoras de quadrinhos norte americanas, permitindo que esse mundo siga sendo performado, predominantemente, por homens brancos com “o corpo hipertrofiado, com uma massa de veias e músculos, assim como a apresentação de luta após luta, sem qualquer crítica ou reflexão a respeito por parte dos personagens” (BEIRAS; LODETTI; CABRAL; TONELI; RAIMUNDO, 2003, p.65)

Diversos estudos, nas áreas das Ciências Humanas e Sociais e, mais especificamente com foco na área dos quadrinhos, fazem especial atenção aos corpos masculinos e seu papel na diferenciação e hierarquização entre os sexos. A ideia de que, a diferentes corpos são atribuídas diferentes funções, relacionadas a valores e normas históricas culturalmente construídas, é perceptível em pesquisas, inclusive, biológicas. Desde o modelo de sexo único, amplamente difundido até o século XVIII, para o qual o corpo feminino era apenas uma versão menos importante do corpo do homem, até sua transformação, a partir desse período, em um modelo de dois sexos em que o corpo feminino e o masculino se tornaram opostos incomensuráveis (LAQUEUR, 2001), diferenças físicas são utilizadas para justificar uma des-historização das estruturas de divisão sexual, colocando alguns corpos masculinos em uma posição hegemônica, cultural e socialmente, devido, principalmente, à sua força.

A solução epistemológica apresentada por alguns pesquisadores para se afastar dessa noção de hegemonia seria rejeitar a fixidade de modelos de masculinidade e considerar as transformações históricas de suas definições sociais. Connel nos atenta, inclusive, sobre o quanto essa ideia de masculinidade hegemônica, ao mesmo tempo em que reforça uma distinção dicotômica entre os gêneros, reproduz hierarquias exageradas, causadoras de danos emocionais e físicos mesmo nos homens que alcançam seu “ideal” (CONNEL; KIMMEL, 2005).



A atividade de visualização e interpretação dessas imagens de super-heróis, de certa maneira, molda os corpos e as subjetividades desses estudantes, especialmente em relação ao social. As masculinidades apresentadas nos quadrinhos de Thor e Capitão América operam, assim, como agenciamentos de poder que reduzem as multiplicidades dos sujeitos e não são capazes de considerar suas singularidades. No entanto, por sua natureza historicamente localizada e socialmente construída, esses agenciamentos permitem também linhas de fuga, ou rompimentos com o estabelecido como norma. Assim, seguimos com a ideia de Deleuze na qual os signos seriam objetos de um aprendizado temporal que implicam na heterogeneidade como relação. Essa tese, de acordo com Orlandi, é fundamental para a construção de uma crítica a toda e qualquer uniformização dos corpos e das almas, sendo a diferença, portanto, definitiva para o aprendizado (ORLANDI, 2018, p. 316).

Podemos, a partir dessas observações, pensar múltiplas e variadas formas a partir das quais as histórias em quadrinhos podem ser utilizadas em materiais didáticos para sugerir linhas de fuga aos modelos hegemônicos de masculinidades, permitindo que os processos de subjetivação dos estudantes acolham suas multiplicidades físicas, psíquicas, biográficas etc. Podemos iniciar esse exercício analisando as identidades que se escondem nas personalidades humanas dos heróis já encontrados nos livros didáticos analisados. Thor: o médico manco, Capitão América, o jovem de saúde frágil que por isso não pode ser soldado. Nesses casos

a identidade secreta retém as vulnerabilidades, inseguranças e suavidades do `homem comum`, numa dinâmica que potencializa a fantasia ao mesmo tempo em que a aproxima do `leitor comum`. Na faceta heroica, percebe-se que as características ocultas são justamente aquelas que expressam vulnerabilidade, o que pode ser entendido como um reflexo do medo do não-masculino permeando essas narrativas. (BEIRAS;





LODETTI; CABRAL; TONELI; RAIMUNDO, 2003, p.63)

Problematizar essa questão das fragilidades que se escondem no *alter ego* do herói seria, assim, um exercício metodológico de contra narrativa, induzido pelo docente, que permitiria, mesmo a partir de uma linha que procura estabelecer uma masculinidade ideal e segmentarizada, percorrer um caminho alternativo, uma linha de fuga, capaz de desterritorializar-se e reterritorializar-se em singularidades múltiplas. Esse modo de trabalhar os quadrinhos, a partir de suas contra narrativas, por si só, já é infinito de possibilidades. Nele é possível questionar qual a necessidade de um herói ser forte todo o tempo, e mesmo questionar o tempo nessas histórias; questionar os motivos pelos quais a maioria dos super-heróis são brancos, questionar a representação recorrente dos traçados corporais musculosos.

Entretanto a abordagem de contra narrativa para leitura didática dos quadrinhos não é o único caminho a ser seguido, especialmente se considerarmos a pluralidade de temas existentes dentro do universo das HQs. Na pesquisa realizada por Fronza, ele sugere ao menos quatro possibilidades investigativas na relação entre as histórias em quadrinhos e a aprendizagem histórica de estudantes do Ensino Médio, dentre as quais destacamos o exercício simples de trazer para o espaço escolar quadrinhos ficcionais com temas históricos variados. Esse material pode ser levado para salas de aula por professores ou estudantes (FRONZA, 2016, p.45), e assim sugerir variadas linhas de fuga.

Misto de imagem e texto, as HQs sempre escaparam das delimitações simples. Como defini-las? São literatura ou arte visual? Devem ser lidas por crianças ou adultos? São leitura para meninos ou meninas? Trata-se de uma arte que hibridiza imagens, textos e outros recursos de mídia, cujo caráter transmidiático, aberto a influências e em constante transformação permite ressignificar a palavra inglesa utilizada para defini-



las: de comics, podem ser vistas como co-mix (GOMES, 2020, p.4)

Precisamos enfatizar alguns aspectos essenciais que permeiam essa mixagem de ideias relativas aos campos do ensino de História, dos quadrinhos e dos estudos em masculinidades. Em primeiro lugar é importante refletirmos sobre o papel da escola na educação de gênero. Num momento delicado das políticas públicas brasileiras, em que pode ser observado um retrocesso nas discussões acerca do acolhimento às pluralidades de gênero dentro das escolas, é sempre válido lembrar que nunca existiu uma neutralidade na instituição escolar. De acordo com Bourdieu, mesmo já liberta da tutela obrigatória da Igreja há vários anos, a escola continua a transmitir pressupostos da representação patriarcal, embasados na homologia das relações homem/ mulher e adulto/criança. Ainda de acordo com ele, entretanto, as escolas são também o espaço onde ocorrem mudanças decisivas nas relações entre os sexos, devido às contradições que nela ocorrem e que ela própria induz. (BOURDIEU, 2020, p.143).

Ao escolhermos trabalhar com os livros didáticos, histórias em quadrinhos e masculinidades, pensamos nessas mudanças que podem acontecer de dentro para fora na cultura escolar, considerando esse um espaço de potência. Ao pensarmos os livros didáticos e as sugestões de leitura que eles apresentam como parte da composição cartográfica da subjetivação dos estudantes, entendemos que professores e estudantes podem participar ativamente da sua própria narrativa histórica. Existem sempre linhas de fuga possíveis, para além das linhas de segmentaridade e estratificação, ao longo de uma trajetória escolar, especialmente se pensarmos na consciência histórica em formação.

Nesse ponto é importante também falarmos sobre a complexidade que envolve a cadeia produtiva dos materiais didáticos. Desde sua elaboração até sua utilização em salas de aula, muitos caminhos são percorridos, envolvendo interesses editoriais, políticos, e comerciais. Em razão dessas observações,



metodologias complexas foram elaboradas para o tratamento desses livros como objetos de estudos acadêmicos, sugerindo uma atenção aos processos de produção e distribuição dos livros didáticos escolares, bem como às expectativas que gravitam em torno de sua utilização pedagógica em sala de aula (BITTENCOURT, 2011, p. 502). Observar o modo como eles se ligam às regras e prescrições governamentais, aos interesses das editoras e do mercado metodologia nos permite considerá-los como dispositivos pedagógicos ativos nos processos subjetivação.

As escolhas editoriais, mercadológicas e políticas refletidas nesse material didático pesquisado, apresentando referências a uma masculinidade hegemônica por meio de HQs, nos mostra o quanto é necessário abrir espaços para que venham a ser pensados outros caminhos possíveis. É importante ressaltar que essa escolha não representa, necessariamente, um ponto de vista do autor desses livros, Alfredo Boulos Junior, pesquisador acadêmico engajado na área de imagens dos livros didáticos (BOULOS JÚNIOR, 2008). No entanto, ainda que tenhamos consciência de que são necessários outros agenciamentos, no tecido de produção e circulação dos livros, dentro e fora da escola, para lidar com a questão das masculinidades, é um trabalho interessante para a educação pensar o papel das HQs de super-heróis na constituição de ideais e sentidos de masculinidades. Os quadrinhos não se resumem a super-heróis representantes de um ideal de virilidade inalcançável. Resistem e persistem outras histórias e personagens que podem e merecem ser trazidos para as salas de aula para a formação de uma consciência histórica acolhedora de multiplicidades.

## Conclusão

Ao pensarmos uma metodologia para ensino de história através de quadrinhos, portanto, entendemos não ser necessário ficarmos presos exclusivamente ao universo de super-heróis musculosos descendentes de



antigos deuses, ou combatentes de guerra supra-humanos responsáveis por salvar a humanidade<sup>4</sup>. Podemos utilizar outras máquinas de guerra capazes de liberar, nesse processo de subjetivação, linhas e fuga ativas e positivas<sup>5</sup>. É possível, a partir do deslocamento do olhar, desenhar novas cartografias, a partir de quadrinhos escritos por mulheres, por exemplo. Trazer para a cultura escolar *Persépolis*, de Marjane Satrapi, *Aya de Yopougon*, de Marguerite Abouet, ou *Adeus tristeza: a história dos meus ancestrais*, de Belle Yang, permite tratar historicamente de temas ligados a mundos culturais diversos, do Oriente Médio, continente africano e Ásia, respectivamente. Uma pesquisa em sites especializados em cultura HQ, como o [minadehq.com.br](http://minadehq.com.br), pode também amplificar essas sugestões exponencialmente e trazer referências históricas importantes, de mundos culturais variados.

Outra possibilidade de uso didático é trabalhar com HQs que abordem de forma mais direta questões de gênero, como *Fun Home*, de Alison Bechdel (2018) ou *Pele de Homem*, de Hubert (2021), sendo essa temática bastante profícua no universo dos quadrinhos. Da mesma forma podemos pensar nos quadrinhos já clássicos, da segunda metade do século XX, como *Mauss* (SPIEGELMAN, 1986) e *Palestina*, de Joe Sacco. Essas obras mostram diferentes masculinidades, incluindo a delicadeza de masculinidades envelhecidas e feridas de guerra.

Se pensarmos em termos de história brasileira, dada a vasta produção nacional de quadrinhos, o campo continua se expandindo. Depois da promulgação da lei 10.639, de 2003, muitas publicações foram criadas com o intuito de narrar a história da presença africana no Brasil (BRAGA; JAIMES;

---

<sup>4</sup> “Considerando o contexto norte-americano em que os quadrinhos em questão foram criados, podemos identificar uma série de valores associados à masculinidade, dentre os quais força física, virilidade, poder econômico, racionalidade, controle emocional, honra, lealdade e a predominância masculina na esfera pública. Estes valores coexistem, sobrepondo-se e dialogando, frequentemente em contradição. (BEIRAS; LODETTI.; CABRAL; TONELI; RAIMUNDO, 2007, p.66)

<sup>5</sup> “A esse fascismo do poder, nós contrapomos as linhas de fuga ativas e positivas, porque essas linhas conduzem ao desejo, às máquinas do desejo e à organização de um campo social do desejo” (DELEUZE, 1992, p.30).



CIRNE, 2010), o que pode, didaticamente, sugerir o protagonismo histórico de outros personagens, outras masculinidades. Um ponto que merece destaque nessa produção nacional são as adaptações de clássicos da literatura, como *Morte e vida Severina: auto de Natal pernambucano (em quadrinhos)* (NETO, 2010) e *Jubiabá*, de Jorge Amado, adaptado por Spacca, lançado pela Quadrinhos na Cia.

Da mesma forma temos quadrinhos latino-americanos, indígenas, relacionados ao ativismo *queer*, trans, não-binário. Essas sugestões são, portanto, apenas pequenas linhas que podem constituir um mapeamento cambiante e (quase) infinito de possibilidades, dentro da área de ensino de História através do uso didático dos quadrinhos.

Por fim é preciso dizer que pensar uma perspectiva do ensino de história a partir da HQ pode ter inúmeros desdobramentos, especialmente com uma imersão mais profunda nas pesquisas da área de *comic studies* e também nas imagens já trabalhadas por outros pesquisadores. Mas podemos, desde esse ponto, já acreditar que existem, na educação em história, nos livros didáticos e nas pedagogias de masculinidades, outros caminhos a serem mapeados, numa cartografia que permita “esquizofrenizar a estrutura de poder existente, fazendo-a vibrar num novo ritmo, fazendo com que mude de dentro” (BUCHANAN, 2009, p. 213).

## Referências

### Fontes

BOULOS JUNIOR, Alfredo. *História: sociedade e cidadania*, 6º ano. São Paulo: FTD, 2018.

BOULOS JUNIOR, Alfredo. *História: sociedade e cidadania*, 7º ano. São Paulo: FTD, 2018.

BOULOS JUNIOR, Alfredo. *História: sociedade e cidadania*, 8º ano. São Paulo: FTD, 2018.

BOULOS JUNIOR, Alfredo. *História: sociedade e cidadania*, 9º ano. São Paulo: FTD, 2018.

COTRIM, Gilberto; RODRIGUES, Jaime. *Historiar* 6º Ano. São Paulo. Editora Saraiva. 2018.

COTRIM, Gilberto; RODRIGUES, Jaime. *Historiar* 7º Ano. São Paulo. Editora Saraiva. 2018.

COTRIM, Gilberto; RODRIGUES, Jaime. *Historiar* 8º Ano. São Paulo. Editora Saraiva. 2018.

COTRIM, Gilberto; RODRIGUES, Jaime. *Historiar* 9º Ano. São Paulo. Editora Saraiva. 2018.

## Referências Bibliográficas

BECHDEL, Alison. *Fun Home: uma tragicomédia em família*. Tradução André Conti. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2007.

BEIRAS, Adriano; LODETTI, Alex Simon; CABRAL, Arthur Grimm; TONELI, Maria Juracy Filgueiras; RAIMUNDO, Pablo. Gênero e super-heróis: o traçado do corpo masculino pela norma. *Psicologia e Sociedade*, v. 19, n. 3, p. 62-67, 2007.

BITTENCOURT, Circe Maria F. Abordagens Históricas Sobre a História Escolar. *Educação & Realidade*, [S. l.], v. 36, n. 1, s.n., 2011. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/15136>. Acesso em: 11 abr. 2022.

BOULOS JÚNIOR, Alfredo. Imagens da África, dos africanos e seus descendentes em coleções de didáticos de História aprovados no PNLD de 2004/2008; Tese (Doutorado em Educação: História, Política, Sociedade) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Disponível em <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/10698>. Acesso em: 11 abr. 2022.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução Maria Helena Kuhner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.



BUCHANAN, Ian. Is Anti-Oedipus a May '68 book?. In: BELL, A. J.; Colebrook, C. (Org.). *Deleuze and History*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2009. Disponível em: <https://edinburgh.universitypressscholarship.com/view/10.3366/edinburgh/9780748636082.001.0001/upso-9780748636082>. Acesso em: 11 abr. 2022.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. v. 1

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O Anti-Édipo – capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 2010

DELEUZE, Gilles. O Anti-Édipo (com Félix Guattari). In: *Conversações*. São Paulo: Editora 34, 1992, p. 23-36.

EISNER, Will. *Quadrinhos e arte sequencial*. Tradução Luis Carlos Borges e Alexandre Boide. – 4a edição. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

FRONZA, Marcelo. As possibilidades investigativas da aprendizagem histórica de jovens estudantes a partir das histórias em quadrinhos. *Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, volume 60, p. 43-72, abr./jun. 2016

GOMES, Ivan Lima. Mulheres e(m) quadrinhos: caminhos e perspectivas historiográficas. *Tempo & Argumento*, Florianópolis, v. 12, n. 31, p.01-07, set/dez.2020

LAQUEUR, Thomas. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Tradução Vera Whately. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LINS, Daniel. O pensamento nômade. Nietzsche: Vida Nômade ou Estadia Sem Lugar. *Revista Lampejo* - vol. 6 nº 2. 2017, p.271-286. Disponível em [https://revistalampejo.org/edicoes/edicao-12-vol\\_6\\_n\\_2/dossie/1%20-%20O%20PENSAMENTO%20N%C3%94MADE.pdf](https://revistalampejo.org/edicoes/edicao-12-vol_6_n_2/dossie/1%20-%20O%20PENSAMENTO%20N%C3%94MADE.pdf). Acesso em 11 abr. 2022.

MARCONDES, Ciro Inácio. Daytripper – Quadrinhos como Vontade e Representação. No site raio laser, novembro de 2011. Disponível em <http://www.raiolaser.net/2011/11/quadrinhos-como-vontade-e-representacao.html>. Acesso em 28 nov. 2021.

ORLANDI, Luiz B. L. *Arrastões na imanência*. Campinas-SP: Ed. Phi, 2018.

PEDROSO, Rodrigo Aparecido de Araújo. Guerra Fria e anticomunismo nas histórias em quadrinhos do Capitão América de 1954. In: XI ENCONTRO INTERNACIONAL DA ANPHLAC. Anais. Rio de Janeiro: UFF, 2014.

SATRAPI, Marjane. *Persépolis*. Tradução Paulo Werneck. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SEIXAS, Raul; COELHO, Paulo. Super-Heróis. Rio de Janeiro: Philips: 1974.

SPIEGELMAN, Art. *Maus*: a história de um sobrevivente. Tradução Antonio de Macedo Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

WESCHENFELDER, Gelson. *Vamos usar quadrinhos em sala de aula? Os super-heróis invadem a escola* [recurso eletrônico] / Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2022.

YANG, Belle. *Adeus tristeza*: a história dos meus ancestrais. tradução Érico Assis, São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

*Data de envio: 20 de abril de 2022.*  
*Data de aceite: 05 de março de 2023.*